

**REFLETINDO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE
CRISE**

Cleberson Vieira de Araújo
Doutorando UTIC
historia-geral@bol.com.br

Juvandi de Souza Santos
Pós-Doutor (UFPB)
juvandi@terra.com.br

RESUMO

A escola é o lugar ideal para discutir o *modus operandi* da sociedade contemporânea, tendo em vista que aquela é a representação em menor escala do que ocorre nesta ainda que o aluno ou a aluna não tenha essa como sendo uma possibilidade atitudinal. É nesse contexto que a disciplina de história surge como uma possibilidade a despertar a consciência crítica e reflexiva de alunos e alunas. Assim, este breve trabalho se faz importante por apontar a história como uma das ciências capazes de trazer à tona as muitas reflexões sobre o tempo presente e as muitas crises instaladas e também faz uma abordagem da uma experiência vivenciada em um grupo de estudos de história (FARUS) da EEEFM Francisco Augusto Campos de Nazarezinho - PB. Logo, seu objetivo principal é refletir sobre o ensino de história em tempos de crise. A metodologia utilizada é qualitativa e apoia-se na prática docente e na literatura disponível a exemplo de Ecco (2008) e Magalhães (2006) para fundamentar as reflexões desenvolvidas.

Palavras-chave: Educação; Ensino de História; Crise.

INTRODUÇÃO

A escola é o lugar ideal para discutir o *modus operandi* da sociedade contemporânea, tendo em vista que aquela é a representação em menor escala do que ocorre nesta. Porém o aluno e a aluna não tem esse costume de debater e pensar a respeito destas questões, ainda que imersos nas informações instantâneas presentes em seu cotidiano pelo advento das muitas tecnologias disponíveis.

Assim, o ambiente escolar desponta como sendo aquele que visa organizar as informações, buscando o debate para que essas possam deixar de ser meras notícias e possam figurar como conhecimento, e é nesse tópico que a história melhor se encaixa.

Se a escola está na vanguarda e o professor se mostra como elo de resistência nesse ambiente, o ensino de história ganha com isso grande responsabilidade ao interpretar a sociedade de forma a se fazer parte dela e não mero espectador de fatos e acontecimentos.

E foi na EEEFM Francisco Augusto Campos, Nazarezinho-PB, que a atividade reflexiva em tempos de crise ganhou força com o desenvolvimento de um grupo de estudos de história (FARUS), ultrapassando barreiras e buscando a reflexão histórica mediante a participação coletiva.

Logo, este breve trabalho se faz importante por apontar a história como umas das ciências capazes de trazer à tona as muitas reflexões sobre o tempo presente e as muitas crises instaladas. Logo, objetivo principal é refletir sobre o ensino de história em tempos de crise em uma ação pratica mediante organização de um grupo de estudos.

A metodologia utilizada é qualitativa e apoia-se na prática docente e na literatura disponível a exemplo de Ecco (2008) e Magalhães (2006) para fundamentar as reflexões aqui desenvolvidas.

A HISTÓRIA E O TEMPO PRESENTE

Estudar e pensar a história nos tempos atuais parece diferente quando comparada com algumas décadas atrás. Haja vista que nas últimas décadas, são visíveis as mudanças na vida social, desafiada pela revolução tecnológica, pelo crescimento da mídia, pelos novos paradigmas de compreensão das sociedades e pelos novos anseios e necessidades despertadas por todos esses aparatos. Esses acontecimentos provocam novas formas de lidar e de entender as ações humanas e também os novos reflexos, o que sugere a necessidade de novas interpretações.

Com isso, assim como no passado,

Ensinar História sempre constitui-se num desafio para professores, considerando sua abrangência, complexidade e as não poucas dificuldades dos alunos para com o estabelecimento de relações com tempos e épocas históricas. (ECCO, 2008, p. 124).

No passado, não tão distante assim, essa disciplina foi considerada ameaçadora e capaz de despertar mentes contra uma situação política indesejável. Como resultado, essa percepção gerou toda sorte de perseguições e desvalorização da mesma.

O ensino de História na educação básica brasileira foi objeto de intenso debate, lutas políticas e teóricas no contexto de resistências à política educacional da ditadura civil-militar brasileira (1964-1984). Isso significou refletir sobre o estado do conhecimento histórico e do debate pedagógico, bem como combater a disciplina “Estudos Sociais” e a desvalorização da História, os currículos fragmentados, a formação de professores em Licenciaturas Curtas e os conteúdos dos livros didáticos difundidos naquele momento, processo articulado às lutas contra as políticas de precarização da profissão docente. O encerramento daquela experiência ditatorial não significa a inexistência de novas e velhas dificuldades a serem enfrentadas no cotidiano do ensino de História. (SILVA; FONSECA, 2010, p. 13).

Logo, diante de todos esses fatos, é merecedor de reflexão o real papel do ensino e das muitas discussões no entorno da disciplina de história em tempos de crise e de desmonte da realidade cientificamente analisada, construída e reconstruída não pela vontade de alguns, mas como resultado de um processo. É nesse sentido que o ensino de história deve ir além dos livros, em uma luta constante onde,

É preciso também refletir sobre os aspectos mais variados da vida cotidiana, que nos permitem identificar semelhanças e diferenças, o que permanece e o que se transforma. É importante ter em conta a produção literária e filosófica, que nos permite mergulhar nas formas de pensamento de uma época. (RIBEIRO, 2013, p. 2).

Se, por um lado, em tempos de crise o nosso conhecimento é posto a prova, o que pode trazer certa desolação e causar receios, por outro lado, torna-se também oportunidade de se colocar em prática a história-ação que vai além das leituras reflexivas partindo para situações mais concretas e até mesmo próximas de alunos e alunas, já que:

A atualidade é marcada por processos de mudanças e por uma crise de paradigmas. É um contexto em que o próprio conhecimento é colocado em cheque, onde verdades historicamente construídas são, também, colocadas à prova. (ECCO, 2008, p. 125).

Mas, essa realidade educacional, que proporciona lugar para o desafiador e para o educando que se coloca na linha de frente do aprendizado de um ser atuante, parece estar distante da realidade em um ensino repetitivo e pouco reflexivo que é resultado do descaso e que atinge todos os campos do saber. Logo,

Tudo indica que, em muitas escolas, o Ensino Médio nada mais é do que um lugar de certificação, no qual é possível obter um diploma mais valorizado no mercado de trabalho do que o do Ensino Fundamental. (MAGALHÃES, 2006, p. 58).

Portanto, se em muitos campos o momento é de crise, o papel da história perpassa o campo da reflexão e imprime até mesmo a ação como forma prática de conhecimento pleno. No entanto, essa ação encontra a resistência de uma escolaridade parcial que não prepara os verdadeiros cidadãos e sim máquinas de trabalho, onde o pensar é para poucos e a ação deve partir de todos.

PROFESSORES, CONFLITOS E O ENSINO DE HISTÓRIA

Iniciativas que visam despertar alunos e alunas para a realidade do ensino reflexivo podem resultar em grandes conquistas educacionais na formação do verdadeiro cidadão e cidadã.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

Nesse contexto, em escolas de todo o país muito professores e professoras, realmente comprometidos com o ensino de história, apresentam espaços de discussão que tornam-se verdadeiras laboratórios do conhecimento coletivo.

Na verdade, as aulas de História são um espaço privilegiado onde a leitura de mundo, que cada aluno faz, mesmo que de forma bastante incipiente, calcada no senso comum seja ampliada e criticada num processo em que ele deve ser considerado pelo professor um interlocutor ativo. (MONEIRO, 2001, p. 25).

Mas, ao mesmo tempo em que espaços como esse se apresentam como uma oportunidade, também suscitam descontentamentos daqueles que tendem a querer dominar e tutelar o conhecimento.

Nesse processo todo, a educação é alvo de acirradas polêmicas, e o ensino de história, em crise, procura seus caminhos e suas saídas. É uma crise de crescimento, mas também de luta pela sobrevivência: qual seria a utilidade de uma prática histórica crítica e interpretativa para um mundo em que apenas uma pequena parcela da população precisará pensar (os "analistas simbólicos"), restando aos demais às tarefas informatizadas, repetitivas, e o consumo massificado. (CERRI, 1999, p.144).

Nesse contexto, o professor nem sempre é plenamente compreendido no seu papel de interlocutor social e fomentador do conhecimento fazendo com que

O desempenho do professor de História hoje, em sala de aula, na maioria das vezes, [seja] menosprezado e ignorado pelos próprios alunos, pois o contexto em que vivem é totalmente diferente da vivência do professor, do seu método e conteúdo. (SCHEIMER, 2010, p.05).

Mas, o que motiva o professor são os argumentos históricos e a vontade de transformar o mundo a partir da reflexão do conhecimento e a produção do saber de forma coletiva onde:

[...] o professor de história, com sua maneira própria de ser, pensar, agir e ensinar, transforma seu conjunto de complexos saberes em conhecimentos efetivamente ensináveis, faz com que o aluno não apenas compreenda, mas assimile, incorpore e reflita sobre esses ensinamentos de variadas formas. É uma reinvenção permanente (FONSECA, 2003, p. 71).

Porém, ainda que o professor de história se apresente como um revolucionário em tempos de crise, a prioridade desse ainda é a formação do cidadão pleno de direitos e deveres e capaz de transformar o mundo pela ideia e pelo conhecimento como meio de transformação em todos os aspectos da vida em sociedade.

O professor de história ajuda o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias para aprender a pensar historicamente, o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançando os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar ao aluno como captar e valorizar a diversidade das fontes e dos pontos de vistas históricos, levando-o a construir, por adução, o percurso da narrativa histórica. (SCHIMIDT; CAINELLI. 2004, p. 34).

A crise é resultado de um momento da sociedade e essa responde da melhor maneira possível a esse fenômeno social. A escola não pode se furtar a apresentar uma opinião ou mesmo uma saída para esse impasse e

Portanto, resta-nos concluir que a presente crise, a tensão entre os objetivos e as metodologias de ensino, configura-se como alvissareira e salutar. No seio desse debate e de suas [...] consequências na escola, muitos daqueles nossos objetivos já começam a se realizar. Se a "autodestruição inovadora" do capitalismo não quebrar tudo antes disso. (CERRI, 1999, p. 145).

O ensino de história se apresenta imerso em grande responsabilidade e tem na figura do professor um incentivador das discussões acaloradas que a academia, ou mesmo a escola básica, pode proporcionar para o aluno ou a aluna em formação que busca mais que informação, conhecimento.

NA CRISE, A RESISTÊNCIA

Se o momento é de crise e o ensino, especialmente de história se apresenta de forma a encontra-se em perigo, professores/ professoras e alunos/ alunas podem representar a verdadeira resistência frente a quem os quer controlar, alienar.

Todavia, independente da perspectiva, o conhecimento pode se apresentar como válido desde que demonstre opinião fundamentada na realidade vivenciada.

O conhecimento histórico é perspectivista, pois ele também é histórico e o lugar ocupado pelo historiador também se altera ao longo do tempo. Nem sempre se faz a história do mesmo jeito, e ela serviu a diferentes funções no decorrer do tempo. O historiador não pode escamotear o lugar histórico e social de onde fala, e o lugar institucional onde o saber histórico se produz. Por isso, a História como metanarrativa, está em crise. A metanarrativa se faz a partir de um sujeito de discurso que, a pretexto de falar do lugar da ciência, sobrevoaria a História e poderia falar de fora dela, ter uma visão global, de conjunto e não comprometida com os embates do momento. (ALBUQUERQUE, 2007, p.61).

O historiador, portanto, analisa e interpreta a realidade como forma de aproximar a sociedade e o conhecimento produzido.

Com todas as mudanças, estamos, basicamente, entre dois blocos paradigmáticos, instalados pelo próprio processo histórico: o conservador e o emergente. Mas como toda a crise, esta também traz em si, sua própria superação, que aponta para uma nova inspiração paradigmática, rumo a novos conceitos de relação de poder e descentralização, que se constitui em uma alternativa que deverá superar os modelos anteriores e que, por sua vez, não respondem aos atuais desafios. (SCHEIMER, 2010, p. 04).

De tempos em tempos o ensino e o fazer história sofrem mutações para se adaptar e fazer frente as mudanças da contemporaneidade ainda que a crise seja a realidade vigente. Com isso,

O ensino de história mudou muito nos últimos anos e os alunos são considerados participantes ativos na construção do conhecimento. Deve-se estabelecer relações, construir noções de diferenças e semelhanças, de continuidade e permanência. Comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência os conceitos de simultaneidade e tempo/espaço. (HOFFING, 2003, p. 02).

É inegável o papel de alunos e alunas nessa nova forma de fazer história, e educação, mediante a colaboração e participação de todos e todas para solidificar o conhecimento e isso se reflete de várias maneiras no ambiente escolar a exemplo da

[...] seleção dos conteúdos de modo que os alunos tenham efetivamente a oportunidade de aprender tal linguagem, dando entrada, assim, não apenas ao vocabulário, mas também às formas canônicas de apresentação, de representação e de comunicação do conhecimento próprios das ciências sociais. (COLL, 2004, p. 343).

Portanto, o ensino de história se apresenta como resistência em momentos de crise e apresenta alunos e alunas como resultado dessa resistência em um contexto em que mesmo a educação sendo deficitária o conhecimento prevalece como a linha de frente da reflexão histórica.

FARUS, DA TEORIA A REFLEXÃO HISTÓRICA EM TEMPOS DE CRISE

O ato de ensinar e aprender história nem sempre foi uma tarefa simples de se realizar em outros momentos onde a política se apresentava como promotora de perseguição e afronta a Lei vigente.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

Em momentos assim a educação se apresenta como inimiga, de alguns que querem a todo custo se manter no poder passando a representar perigo e, instantes históricos como esse podem ser percebidos como sendo de crise.

A crise nem sempre é algo especificamente ruim, pois, nesse contexto educacional pode resultar em maior consciência histórica e de engajamento para pessoas que nunca participaram de nenhuma luta ou questão social.

É fato que a educação brasileira é deficitária, mas ainda existem boas experiências e práticas que resultam em verdadeiros oásis do conhecimento reflexivo.

E, em oportunidades como essas, que fazem com que a sociedade venha a repensar a sua inserção histórica, pode resultar em maior resistência social e até mesmo aprender um pouco mais com fatos e fenômenos históricos desenvolvidos e vivenciados cotidianamente.

Foi assim que se desenvolveu no ano de 2017 na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Média Francisco Augusto Campos na cidade Nazarezinho – Paraíba a iniciativa de um grupo de estudos de história (FARUS) que favoreceria a participação de alunos e alunas, e até mesmos ex-alunos e ex-alunas, em debates da história contemporânea orientados pelo professor Cleberson Vieira de Araújo.



Imagem 1: FARUS – Grupo de Estudos de História (Edição 2017).

Os resultados foram impressionantes, para além do imaginado, e foram favorecidos por encontros semanais, na quarta-feira a noite onde o grupo encontrava-se para debater temas de história e atualidades previamente acordados. O grupo foi se ampliando para um número de quase vinte membros que se debruçaram em debates acalorados.

A fecunda experiência voltou a se repetir no ano de 2018, ainda em curso, e com um número ampliado de cerca de 30 alunos e alunas, e também público externo, que se reúnem regularmente as segundas-feiras e a noite para discutir e aprofundar temas relativos à área de história e atualidades.



Imagem 2: FARUS – Grupo de Estudos de História (Edição 2018).

Assim, a experiência do grupo de estudos é também um espaço de reflexão da realidade que coloca alunos e alunas para pensar, refletir e analisar temas diversos tendo na figura do professor um mediador ativo de todo esse processo de construção coletiva do conhecimento.

CONCLUSÃO

A realidade imposta, no Brasil e no mundo, não produz um cenário inteligente e satisfatório, como outrora se esperou da sociedade contemporânea. A verdade que se tem é muito distante daquela que foi difundida e faz-se refletir acerca do importante papel do ensino de história frente às imposições desse período histórico.

O fato é que essa reflexão deve ir ao encontro com a plenitude de ações que, por sua vez, devem caminhar rumo a posturas que conduzam a soluções; mas deve-se atentar que nesse percurso se encontra a escola, currículos e toda uma educação sucateada que, não por acaso, atrapalha o pleno desenvolvimento de todo um processo.

Professores/ professoras e alunos/ alunas ganham destaque em todo esse processo por enfrentar a crise de forma a apresentar respostas condizentes como momento principalmente, analíticas e reflexivas.

A resistência à crise seria uma tarefa difícil, porém possível mesmo em escolas sucateadas e público nem sempre aberto a discussões, ainda que essas os atinjam diretamente.

Assim, arriscar e inovar passam a ser a responsabilidade e uma das dificuldades enfrentadas professores e professoras de todo o país que agora podem dá voz a alunos e alunas. E em Nazarezinho-PB a iniciativa de um grupo de estudos de história (FARUS) se apresenta como experiência fecunda dessa nova perspectiva.

Portanto, o ensino de história pode até não realizar a tão esperada revolução, porém é plenamente possível que essa prática seja um bom começo para germinar o que se espera: a formação de seres pensantes. Esse anseio é resultado de uma inércia que já começa incomodar e apontar vítimas, pois a sociedade está imersa em uma crise que passa a ser percebida agora, mas que já vinha se formando há bastante tempo e que resultado de todo um processo histórico que deve ser mais que entendido, enfrentado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Junior, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Uduisc, 2007.

CERRI, Luis Fernando. **Os objetivos do ensino de história**. Hist. Ensino, Londrina, v. 5, p. 137-146, out. 1999.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Tradução Fátima Murad. – 2. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2004.

ECCO, Idanir. **O ensino de história: evidências e tendências atuais**. Revista de Ciências Humanas (Frederico Westphalen), v. 8, p. 123-141, 2008.

FONSECA, S. G.. **Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. 7 ed. São Paulo: Papirus, 2003.

HOFFING, M. A. Z. **As páginas de História**. Cad. Cedes. Volume 23. Número 60. Campinas: 2003.

MAGALHÃES, Marcelo de S.. **Apontamentos para pensar o ensino de História hoje: reformas curriculares, Ensino Médio e formação do professor**. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, v. 11, p. 59-74, 2006.

MONTEIRO, A. M. **Ensino de História: das dificuldades e possibilidades de um fazer**. In: DAVIES, Nicholas. Para além dos conteúdos no ensino de história. Access. Rio de Janeiro: 2001.

RIBEIRO, Jonatas Roque. **História e ensino de história: Perspectivas e abordagens**. Educação em Foco, Edição nº: 07, 2013.

SCHEIMER, Maria Delfina Teixeira. **Ensino de história e a prática educativa: Projetos interdisciplinares**. V CINFE, Caxias do Sul – RS, 2010. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/cinfe/artigos/arquivos/eixo_tematico10/ENSINO%20D E%20HISTORIA%20E%20A%20PRATICA%20EDUCATIVA.pdf. Acesso em 20 de julho de 2018.

SCHIMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar História**. Editora Scipione. São Paulo: 2004.

SILVA, Marcos Antônio da Silva; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, nº 60, p. 13-33 – 2010.

O GÓTICO PÓSCOLONIAL AMERICANO DE EDGAR ALLAN POE

Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias
UFCG
daiselilian@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar contos do escritor americano Edgar Allan Poe, destacando elementos do gótico (pós)colonial, segundo os postulados crítico-teóricos de Khair (2009), Hogle (2002) e Savoy (2002). O corpus desta pesquisa é formado por “A queda da casa de Usher”, “Assassinatos na rua do necrotério”, “A máscara da morte vermelha”, “O poço e o pêndulo”, “O gato preto”, e “O barril de Amontilado”. Buscar-se-á desvelar aspectos do gótico que ficou conhecido como “o gótico americano” (dotado de características diferentes daquelas praticado por autores do gótico tradicional) e variações do “gótico imperial” (aquele produzido como expressão de